

MÍSTICA EM TEMPOS DE NEOCRISTANDADE: AS CARTAS DE UMA MONJA CARMELITA DESCALÇA NO BRASIL

Virgínia Albuquerque de Castro Buarque
Doutora em História Social - UFRJ
Professora do Departamento de História – UFOP
Integrante do Núcleo de Estudos da Religião (NER) - UFOP
virginiabuarque@terra.com.br
Grupo de Pesquisa: Mística e Iluminação

Introdução

Entre os anos de 1911 e 1959, Madre Maria José de Jesus, monja carmelita descalça do Convento de Santa Teresa, sediado na cidade do Rio de Janeiro, manteve intensa correspondência com companheiras de clausura, outras religiosas, sacerdotes e leigos católicos. Nesta escrita, em que buscava traduzir sua experiência de fé, a Madre não somente descrevia, como também inquiria e – mais comumente – orientava aqueles que, como ela, empenhavam-se em conferir um sentido a suas vidas e uma identidade a si mesmos a partir da relação com o divino.

E para melhor fundamentar este processo de tradução, na linguagem epistolar, de uma vivência contemplativa, segundo a tradição do Carmelo Descalço, Madre Maria José considerava indispensável auferir um contínuo e aprofundado conhecimento da doutrina católica e, principalmente, da espiritualidade teresiana. Para tanto, ela recorria, de forma sistemática, às “leituras espirituais”, às quais conferia uma importância similar às orientações recebidas de seus confessores e diretores de consciência: o ler propiciaria a sensibilidade¹ e o esclarecimento² necessários ao aprimoramento da vivência consagrada e à correta observância das tradições: “Quero que V. ame a Jesus; que procure conhecê-lo pela meditação e leitura do Evangelho, a *Imitação de Cristo*, o *Catecismo* e outros bons livros”.³

¹ Cf. Carta de Madre Maria José de Jesus à Sórora Ana, 17 jan. 1924: “Estou lendo agora um livro que me tem feito muito bem [...]”; Carta de Madre Maria José de Jesus a seu pai, Capistrano de Abreu, 21 out. 1925: “Recebi um livro que me agradou profundamente [...]”.

² Carta de Madre Maria José de Jesus a seu irmão Adriano, 19 out. 1924: “Busca instruir-te com boas leituras que te esclareçam”.

³ Carta de Madre Maria José de Jesus a sua cunhada, Amneris de Abreu, 19 jun. 1936.

Leituras da obra teresiana

Dentre as leituras privilegiadas por Madre Maria José, as obras de santa Teresa ocupavam grande primazia, logo depois das Sagradas Escrituras. O Convento carioca dispunha de edições seculares dos livros da santa fundadora: “[...] possuímos traduções antigas da *Vida*, do *Caminho de Perfeição*, dos *Conceitos do Amor Divino* e das *Moradas* [...]”;⁴ em paralelo, ele também possuía edições bem mais recentes: “Embora já lhe tenha agradecido pessoalmente, agradeço ainda uma vez as *Cartas* de Nossa Santa Madre. Foi um presente preciosíssimo”.⁵

O íntimo contato de Madre Maria José de Jesus com a santa de Ávila adveio sobretudo, porém, não somente da leitura, mas principalmente da tradução que ela realizou de suas obras para a língua portuguesa, proposta aprovada “*in totum*”⁶ pelo cardeal:

[...] Entretanto, a caridade de Cristo urge, e desejaria fazer alguma coisa por sua glória. Lembrei-me de propor a V. Emcia. aproveitar este repouso relativo para fazer uma tradução das *Obras* de N. Sta. Madre. Poder-se-ia fazer uma edição popular, com poucas notas, cada volume vendido separadamente, de modo a poder vender cada um por uns 4\$000. Poderíamos antes de tudo consultar as *Vozes de Petrópolis*, o *Lar Católico* etc. para ver se se encarregam da venda. Se quiserem fazer por sua conta a edição, dando-nos apenas uma pequena porcentagem, acho melhor, pois evitaremos toda preocupação material. [...].⁷

A Madre dedicou-se com afinco à nova tarefa que, iniciada em 1935, abarcaria mais de duas décadas, concluindo-a somente alguns meses antes de seu falecimento (Sagrado Coração de Jesus 1968: 191). Isto acarretou seu afastamento de quaisquer atividades que extrapolassem seus deveres conventuais, inclusive a redação de seu epistolário: “V.R. [Vossa Reverência] reze e faça as noviças rezarem pela tradução das *Obras* de N. Sta. Me. Estou muito ocupada. Com este trabalho não poderei escrever cartas, mas V.R. desculpará, não é?”.⁸ Tal empenho, comprometendo ainda mais sua débil saúde, não deixou de ser mencionado em suas biografias:

⁴ Carta de Madre Maria José de Jesus a D. Sebastião Leme, 27 mai. 1935. A mais antiga edição de um livro de santa Teresa adquirido pelo Convento data de 1646, tendo sido trazido de Portugal por Madre Jacinta de São José; os demais possuem data posterior à 1750 (cf. Algranti 1999 p. 250).

⁵ Carta de Madre Maria José de Jesus a Laurita Pessoa Raja Gabaglia, 12 nov. 1952.

⁶ Despacho de D. Sebastião Leme em missiva que lhe fora dirigida por Madre Maria José, 25 mai. 1935.

⁷ Carta de Madre Maria José de Jesus a D. Sebastião Leme, 25 mai. 1935.

⁸ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Cecília, do Carmelo de Fortaleza, 7 jul. 1935.

Sem dúvida, os dotes excepcionais de inteligência e cultura, e a facilidade que tinha para escrever, ajudaram-na grandemente; ademais, desejou realizar o trabalho pelo entranhado amor que consagrava a Nossa Santa Reformadora, e assim empreendeu a tradução com ânimo e gosto. No entanto, bem podemos avaliar o quanto lhe custou tão ingente trabalho, absorvendo-lhe tempo e energias, obrigando-a a consultar fontes de informações e isso no meio de suas múltiplas ocupações de Mestra e, dois anos depois, de Priora, sem falar na sua pouca saúde. Aplicava-se escrupulosamente a traduzir do melhor modo possível; comparava os seus textos com os das outras traduções estrangeiras, que muito a auxiliaram a reproduzir o pensamento exato de N. Sta Madre. Teve de renunciar a outras leituras que a interessavam, ou diminuir as que costumava ter com mais frequência, até mesmo a Sagrada Escritura, seu alimento quotidiano. Chegava a ler algumas páginas de livros que as filhas lhe mostravam, mas logo os devolvia, dizendo: ‘Estou vendida à minha Santa Madre’. (Sagrado Coração de Jesus 1968: 191).

Três anos depois, em 1938, o primeiro volume, *Livro da Vida* (ou Livro das Misericórdias do Senhor), era editado: “[...] tenho certeza de que perdoará a demora de quase um ano em responder à sua carta, pois todo esse tempo passei doente ou empregando minhas minguadas forças na tradução de suas *Obras* [de Santa Teresa]. Penso que na Páscoa, se Deus quiser, já V.C. [Vossa Caridade] terá nas mãos o 1º tomo, que é o *Livro da Vida* [...]”.⁹ Nesta obra, escrita em 1562, santa Teresa narrou seu percurso biográfico em uma perspectiva de história da salvação, entremeando-a com belas explanações sobre a prática orante e relatos de graças místicas, sendo assim muito recomendada pela Madre: “Peço-lhe que se una também a nós e leia a *Vida* (que peço devolver quando puder) para cobrar mais confiança.”.¹⁰

Também no final da década de 1930, a Madre traduziu *Fundações*, impressas em 1940, e *Caminho de Perfeição*, dado a público em 1942. Enquanto a primeira dessas obras, escrita em 1582, reflete sobre as exigências, as dificuldades e as gratificações da vida contemplativa feminina, também indicando as relações de hierarquia vigentes em relação ao gênero, a segunda, redigida em 1566, é uma síntese da pedagogia teresiana sobre formação religiosa, tratando também da oração: “Nas boas disposições em que V.C., pela misericórdia infinita de Deus e pela de nossa Mãe querida está, acho que a leitura mais proveitosa será o *Caminho da Perfeição*, lido bem detidamente. Vai ajudá-la muito em seus bons propósitos. Ali está todo o espírito do Carmelo, no interior e no exterior”.¹¹ Pouco depois, em 1946, foi

⁹ Carta de Madre Maria José de Jesus à Irmã Maria de Jesus Hóstia, 28 fev. 1938.

¹⁰ Carta de Madre Maria José de Jesus a Laurita Pessoa Raja Gabaglia, 30 nov. 1950.

¹¹ Carta de Madre Maria José de Jesus à Irmã Maria da Conceição da Virgem Dolorosa, s.d.

publicada a tradução da obra-prima de santa Teresa, *Castelo Interior* ou *Moradas*, livro escrito em 1577, em um dos momentos mais conturbados da trajetória desta carmelita. Este texto surgiu como um desdobramento do *Livro da Vida*, então em posse da Inquisição, e é considerado um dos maiores tratados de fenomenologia mística produzidos pelo catolicismo. E a despeito do desgaste de Madre Maria José, acarretado por tão colossal tradução, seu esforço se viu recompensado pela rapidez com que os volumes impressos, a despeito de serem “[...] leitura tão séria e mística, ficaram esgotados, e foram depois reeditados”. (Sagrado Coração de Jesus 1968: 230).

O quinto volume das traduções, aglutinando *Conceitos do Amor de Deus, Relações Espirituais e Exclamações–Poesias–Avisos*, foi editado em 1951, mas foram os três últimos tomos da coletânea, compostos pelas *Cartas* de santa Teresa, que se revelaram os mais de mais difícil tradução. O trabalho foi iniciado pela Madre ainda em 1951: “Reze para que eu possa traduzir as *Cartas* de N. Sta. Madre. Não acho tempo, e a velhice não ajuda”¹², sendo, porém, freqüentemente interrompido por motivos de saúde e por solicitações do priorado: “[...] além de velha, doente, incapaz, estou com a tradução das *Cartas* de N. Sta. Madre. [...] De noite tenho um torpor que não me deixa trabalhar. Ah! Quem me dera poder fazer muito pelo meu Deus, mas estou uma ruína... 73 anos...”.¹³ Os maiores entraves, contudo, encontravam-se no próprio texto:

Pensou realizar o trabalho desde que terminou o quinto volume das *Obras* de Nossa Santa Madre. Tentou fazê-lo mais de uma vez; faltou-lhe ânimo para prosseguir-lo pela dificuldade de elucidar alguns textos que pareciam indecifráveis.

Graças à caridade de uma boa amiga, obtive a tradução inglesa das *Cartas* por Allison Peers. Obra muito boa, esclarecedora das muitas reticências e quase charadas de nossa Santa Madre, sobretudo nas cartas escritas durante a ‘tempestade’ da perseguição suscitada contra nossa Reforma. Receando serem elas desviadas do seu destino ou perdidas, Nossa Santa Madre só se exprimia de modo velado a respeito das pessoas e dos fatos.

O texto inglês auxiliou-a bastante, porém Nossa Madre decifrou alguns parágrafos que o douto tradutor não conseguira esclarecer (Sagrado Coração de Jesus 1968: 267).

¹² Carta de Madre Maria José de Jesus à Irmã Marina do Sagrado Coração de Jesus, 2 jan. 1952.

¹³ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Maria Bernadette do Divino Coração, 1955.

Finalmente, em 1956, a Madre concluiu a tarefa: “Terminei a tradução das *Cartas* de Nossa Santa Madre, ajudada por Ir. Maria do Carmo, que trabalha mais do que eu, mas falta corrigir, e é muito custoso”.¹⁴

Assim, a tradução implicava também na revisão das obras, muitas vezes realizada de forma paralela à versão de novos textos teresianos para o português, o que exigia cuidados minuciosos: “Quando as monjas do Carmelo faziam a tradução das *Obras Completas de Santa Teresa*, fui muitas vezes”, comentou Manuel Bandeira, “a convite de minha prima [Ir. Maria do Carmo de Cristo Rei] ao locutório do Convento para conversar com ela e com Madre Maria José sobre dúvidas que elas tinham a respeito da nova ortografia”.¹⁵ A atividade revisora mais intensa fora iniciada em 1945, para a segunda edição do *Livro da Vida*, justamente quando a Madre estava envolta com a fundação do Carmelo de Teresópolis, o que a fez solicitar a colaboração de outras irmãs: “Me. Subpriora, sei que V.R. é muito ocupada e não quero abusar de sua bondade, mas se N. Madre desse licença e se V.R. e Ir. Maria do Carmo pudessem assinalar na *Vida* de N. Sta. Me. o que acham necessário corrigir, seria um alívio para mim, pois aqui (aliás, aí é o mesmo), o tempo não rende [...]”.¹⁶ O pedido de Madre Maria José, contudo, nem sempre era passível de atendimento: “Peço-lhe, não reveja a *Vida*, não pode, está muito ocupada. Coitadinha, fiquei com tanta pena de lho ter pedido; não pena de V.R., pois está lucrando para o céu e salvando almas. Recebi, no dia 20, as provas mandadas a 18; hoje lhe mando estas que vieram para cá e já revi. Deus pague a V.R. e à Ir. Ma. do Carmo”.¹⁷

Para piorar, em meio à multiplicidade das tarefas assumidas pela Madre, vez por outra os papéis extraviavam-se, o que causava não pequena preocupação, por vezes seguida da

¹⁴ Carta de Madre Maria José de Jesus à Irmã Maria de Lourdes, do Carmelo da Santíssima Trindade, 3 ago. 1956.

¹⁵ BANDEIRA, Manuel *Uma Santa. Diário do Comércio*, 18 mar. 1959. Cf. Artigos publicados sobre Madre Maria José de Jesus em Jornais, Revistas e Livros. In: *Causa Canonizationis Servae Dei Mariae Ioseph a Iesu, ocd.* V. 15.

¹⁶ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Inês do Sagrado Coração de Maria, prov. jul. 1945.

¹⁷ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Inês do Sagrado Coração de Maria, 20 jul. 1945.

satisfação pelo seu encontro: “Achei aqui as provas para a 2^a. edição da *Vida*”.¹⁸ Os volumes de *Fundações* e *Moradas* também foram revistos para nova edição, no decorrer de 1952, mas o maior esgotamento de Madre Maria José foi decorrente da revisão das *Cartas*: “[...] porque, além das obrigações do ofício, estou revendo e corrigindo com outra Irmã a tradução das cartas de Nossa Santa Madre e não me permitem mais tirar das horas de descanso, nem eu mesma agüento”.¹⁹ A incumbência só terminaria no final de 1958: “Além de tudo, estou bem velha e acabada e sempre às voltas com as cartas de N. Sta. para ver se N. Senhor me dá a graça de terminá-las antes da morte, que deve estar próxima”.²⁰ Apesar de seu empenho, concluindo a revisão, Madre Maria José não veria os últimos tomos impressos, pois sua publicação foi iniciada em 1960, sendo, portanto, posterior em um ano a seu falecimento.

Resignificação da espiritualidade teresiana

Traduzindo Teresa d’Ávila, sobretudo *Livro da Vida, Caminho de Perfeição e Castelo Interior*, Madre Maria José deparou-se com uma escrita desenvolvida como ato enunciativo, associado à fé: para a santa carmelita, redigir consistia em responder a Deus, diálogo pelo qual ela tanto ansiava e ao qual chamou de *amistad* (Certeau 1982: 258). Ora, ao descrever seus sentimentos, desejos, esperanças, oriundos de suas práticas cotidianas – ou seja, ao narrativizar suas experiências sob o viés da interlocução com o divino -, Teresa também as interpretava, configurando-se, assim, como um sujeito “moderno”; porém, de forma distinta do imanentismo secular (o *Livro da Vida* foi escrito apenas dez anos antes de Montaigne redigir *Ensaaios* e a meio século da publicação do *Discurso sobre o Método*, de Descartes), ela constituía-se como um sujeito em busca de transcendência (Galán 1997: 18).

Mas para priorizar a subjetividade num momento de crise das referências cristãs, os escritos teresianos desenvolveram uma complexa articulação entre a vivência espiritual e a

¹⁸ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Inês do Coração de Maria, nov. 1945.

¹⁹ Carta à Madre Antonietta, do Carmelo de Petrópolis, 22 set. 1956.

²⁰ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Maria Bernadette do Divino Coração, do Carmelo de Teresópolis, 24 ago. 1957.

ortodoxia doutrinária, o “mandamento” e a “graça”. Neste proceder, Teresa delineou uma espacialidade imaginária (Certeau 1982: 258):²¹ o “dentro” do humano (seu “castelo interior”), lugar habitado pela divindade, ao ser paulatinamente configurado através da oração (ato conjunto da pessoa e de Deus), poderia então ser expresso em um “fora”, desdobrado em círculos concêntricos: a clausura conventual (ou a residência familiar), a comunidade eclesial, a missão apostólica. Com isso, a contemplação teresiana corria menor risco de conflitar com a hierarquia eclesiástica, ao mesmo tempo em que preservava a elaboração pessoal da experiência religiosa. (Kolakowski 1987: 267).²²

Esta tensão implícita aos textos de Teresa d’Ávila mostrou-se um importante elemento à resignificação da espiritualidade teresiana por Madre Maria José, promovida inclusive através de sua escrita epistolar. Assim, baseada na obra teresiana, a Madre realçou a premência da busca espiritual: “Procuremos cada vez mais viver no nosso interior, bem unidinhas a Jesus e a Maria, nesse palácio interior de que fala N. Sta. Madre”,²³ mas, de forma concomitante, deslocou seu foco de significação do sujeito para a instituição, mediante uma insistência no “esvaziamento do eu”: “Graças a Deus, minha querida Madre, faz hoje um mês que estou na minha solidão tão deleitosa. Peça a Nosso Senhor que não seja mais uma graça desperdiçada de que eu tenha de dar conta; que eu me prepare para a morte, e, se for da santa vontade de Deus, viva sem viver em mim, segundo a expressão de nossa Santa Madre”.²⁴ Com isso, o ideal contemplativo tornava-se uma produção imaginária afinada com os postulados tridentinos da Neocristandade, distanciando-se da faceta “popular” que, portada

²¹ “Si l’on considère dans l’imaginaire non pas d’abord un lexique (un matériau iconique, des choses vues ou rêvées), mais la spacialité qui spécifie toute image, et aussi la capacité qu’a l’imaginaire de produire une scène à distance de l’acte intérieur, immédiat, non déplié; si l’on suppose que l’imaginaire est espace et, bien plus, qu’il crée de l’espace, alors on peut dire que, par le *volo* et le *je*, il est à la fois leur figuration (théâtre, métaphore, artefact) et leur espace d’énonciation (le lieu du dire par un dire qui n’a pas de lieu”. Grifos do autor, em itálico no original.

²² “Toute la mystique contre-réformatrice espagnole comporte dès le début une certaine ambigüité: intégrant le danger illuministe, elle assure em même temps aux tendances illuministes [des ‘alumbrados’] la possibilité de survivre [...]”.

²³ Carta de Madre Maria José de Jesus à Sórora Josefina, 22 jul. 1929.

²⁴ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Maria José de Jesus, do Carmelo de Santos, 21 mai. 1950.

pela mística ibérica, era presentificada no cotidiano das *beatas* e vista com desconfiança pela Inquisição.²⁵

Tal dinâmica, contudo, requereu da Madre Maria José uma interpretação complementar da obra de Teresa de Jesus, pela qual a dimensão ascética adquiriu maior relevância.²⁶ Teresa não desconsiderava a validade das práticas mortificatórias: claramente inspirada em santo Agostinho, ela atentava às ambivalências do humano, que inclusive descrevera em sua autobiografia (onde tantas vezes enlaçara sua “miséria” pessoal às excelências da vocação que assumira), alertando também seus leitores quanto aos riscos de engano do conhecimento de si propiciado pela introspecção, ainda mais acrescidos pela tentação de presunção (Certeau 1982: 261). Daí a exigência teresiana de depuração ascética da sensibilidade, em um processo de “purificação” das inclinações sensoriais e da complacência imaginativa. Esta perspectiva foi retomada por Madre Maria José, sendo, porém, direcionada por parâmetros institucionais (como a autoridade da priora, do sacerdote ou da Regra), ao invés de pautar-se em uma auto-crítica: “Ela [Sta. Teresa] escreve à Me. Maria de São José que não perdoa imperfeição a quem ela ama. É por isso que faço assim com o meu monstrozinho. Ainda bem não vejo perigo de ladrão, já estou ladrando como cachorro policial...”²⁷

O ascetismo teresiano, por sua vez, estava perpassado por um caráter militante, de dedicação total à causa cristã através da reclusão, da prece, da penitência: “[...] entre outras coisas [...] viemos aqui para glória de Deus, para nos imolar pela Igreja, pelos sacerdotes. E nossa Santa Madre, no *Caminho da Perfeição*, bem diz que se assim não fizermos, não

²⁵ A ameaça representada pela experiência mística aos olhos da instituição católica residia, portanto, na articulação entre uma interpretação bíblica particular (uma subjetivação) e um protagonismo dos segmentos populares (uma demarcação social e uma prática de poder). Na Neocristandade, tal articulação foi rompida, ficando a subjetivação vinculada aos espaços monásticos, enquanto a devoção coletiva fundamentada em mediações simbólicas (imagens, relíquias, promessas, procissões...) era vista pelo clero como superstição, fanatismo, ignorância.

²⁶ Assim, um dos retiros compostos a partir dos escritos de santa Teresa destacava justamente a falibilidade do humano: “Ceci posé, ne craignons pas de dire que notre Sainte, dans une période de sa vie, a commis de fautes. Nous ne pensons pas que les âmes aient rien à gagner à ce qu’ on leur représente les Saints comme impeccables”. (Saint-Sacrement 1926: ix-x). Na pequena introdução de quatro páginas e meia, duas delas destacam a dimensão fenomenológica da espiritualidade teresiana, enquanto as outras duas enfatizam sua falibilidade humana.

²⁷ Carta de Madre Maria José de Jesus à Irmã Maria do Carmo, 12 nov. 1955.

estaremos realizando a nossa vocação...”.²⁸ E a postura apostólica associada aos escritos de Teresa de Jesus (Le Brun, 1964: 235-236) foi ainda mais acirrada por Madre Maria José, numa recuperação da simbólica conquistadora das cruzadas, evocada pela Neocristandade (Azzi 1981: 36): “Nossa Santa Madre, entre inúmeros louvores do sofrimento, diz que em tempo de guerra é que os soldados ganham mais e galgam postos. V.C. está nesse tempo, minha irmãzinha [...]”.²⁹ Para a Madre, uma entrega tão radical não conduziria à morte mas, pelo contrário, suscitaria a bem-aventurança de um encontro bastante aguardado e por fim definitivo: “Enfim, meu irmão, como diz nossa santa Madre, ‘Aquela vida de arriba es la vida verdadera’.”³⁰

Uma última reelaboração de sentido foi encetada por Madre Maria José com base nos manuscritos teresianos: a relativização do êxtase místico. Sobre esta questão, santa Teresa desenvolveu um entendimento peculiar, considerando como ápice da relação humano-divina: um estado de abandono amoroso, por ela representado através da imagem da seta ou do dardo. Mas, em contrapartida, era ao ser transfigurado pela desposseção afetiva que o desejo humano ultrapassaria seus próprios limites, convertendo-se em ato potencializador da pessoa (Certeau 1982: 273): “Lembrei-me, porém, que N. Sta. Madre diz que não haja coisa que entendamos ser do serviço de Deus que não acometamos, confiadas nele só”.³¹ Ora, sem negar a potencialização de si, mencionada por santa Teresa, Madre Maria José a submetia a uma lógica específica: somente o sofrimento (e não o “arroubamento” místico) representaria uma extremada doação de si, prática inigualável de caridade: “Lembro-lhe uma palavra de N. Sta. Madre. A medida para poder [...] [ilegível] grande ou pequena Cruz, é o amor (mais ou menos). Portanto, filhinha de meu coração se a +[cruz] é grande, seja grande, imenso o

²⁸ *Resumo das Práticas de Capítulos Feitos por Nossa Revda. Madre Maria José de Jesus em 1929*. p. 131, n. 1. Apud: GALLIAN, Dante Marcello 1997: 192.

²⁹ Carta de Madre Maria José de Jesus à Sórora Ana, 11 jul. 1921.

³⁰ Carta de Madre Maria José de Jesus ao Dr. Christóvam Colombo dos Santos, 23 ago. 1938.

³¹ Carta de Madre Maria José de Jesus à Comunidade do Convento de Santa Teresa, 26 fev. 1918.

amor”.³² Só então, em recíproca manifestação de amor, Deus se descentraria, sujeitando-se àquele que a Ele se doava: “É como diz N. Santa Madre: dir-se-ia que Ele se faz servo, e a nós senhoras”.³³

A despeito, contudo, das diferenças existentes entre as concepções delineadas por Teresa e a maneira pela qual Madre Maria José as traduziu, um fator é recorrente às duas monjas carmelitas: a tessitura de variados autores, de distintas perspectivas, numa única composição textual. Desta forma, é possível afirmar que o “hibridismo” promovido por Madre Maria José no tocante ao ideal contemplativo alicerçava-se em um certo ecletismo já presente na fundadora das carmelitas descalças (Azevedo 2001: 188; 193). E foi este pluralismo interno que permitiu a ambas dotarem seu discurso de uma riqueza de sentido que, sem deixar de legitimar a ideologia eclesial, também lhe formulava alternativas, no incessante refazer de uma tradição.

Referências bibliográficas:

- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: mulheres da Colônia*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. V. 2.
- AZZI, Riolando. A teologia no Brasil: considerações históricas. In: VVAA. *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BARRIENTOS, Alberto et alii. *Introducción a la Lectura de Santa Teresa*. 2ª. ed. Madrid: Espiritualidad, 2002.
- Causa Canonizationis Servae Dei Mariae Ioseph a Iesu, O.C.D.* Rio de Janeiro, Convento de Santa Teresa.
- CERTEAU, Michel de. *La Fable Mystique, I*. Paris: Gallimard, 1982.
- Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique, Doctrine et Histoire...* Paris, Beauchesne, 1937-1976.
- GALÁN, Pedro Cerezo. La experiencia de la subjetividad en Teresa de Jesús. *Revista de Espiritualidad*, Madrid, n. 56, 9-50, 1997.
- GALILEA, Segundo. *As Raízes da Espiritualidade Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- GALLIAN, Dante Marcelo. *Madre Maria José no Caminho da Perfeição*. São Paulo: Paulus, 1997.
- KOLAKOWSKI, Lezek. *Chrétien sans Église: la conscience religieuse et le lien confessionnel au XVIIe siècle*. Paris: Gallimard, 1987.
- LE BRUN, Jacques. Le grande siècle de la spiritualité française et ses lendemains. In: *Histoire Spirituelle de la France*. Paris: Beauchesne, 1964.
- SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, Marina do, irmã. *Memorial da Vida de Madre Maria José de Jesus, carmelita descalça*. Rio de Janeiro: Convento de Santa Teresa, 1968.
- SAINT-SACREMENT, Marie du, mère. *Une Retraite sous la Conduite de Sainte Thérèse*. Paris: Casterman, 1926.
- SANTA TERESA. *Livro da Vida*. 4ª. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- VAZ, Henrique C. de Lima. Mística e política: a experiência mística na tradição ocidental. In: BINGEMER, Maria Clara L. e BARTHOLO Jr., Roberto dos Santos (org.). *Mística e Política*. São Paulo: Loyola, 1994.

³² Carta de Madre Maria José de Jesus à Irmã Bernadette do Divino Coração, 18 ago. 1951. Há uma palavra ilegível neste autógrafa, talvez seja “amar”.

³³ Carta de Madre Maria José de Jesus à Madre Maria Evangelista da Assunção, 10 jan. 1946.